

Pierre Monbeig (1908-1987)

Notas biográficas

Pierre Monbeig (1908-1987): biographical notes

Pierre Monbeig (1908-1987): notas biográficas

Pierre Monbeig (1908-1987) : notes biographiques

Larissa Alves de Lira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2236>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.2236

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrônica

Larissa Alves de Lira, « Pierre Monbeig (1908-1987) », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 9 | 2017, posto online no dia 29 dezembro 2017, consultado o 18 novembro 2018. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2236> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.2236

Este documento foi criado de forma automática no dia 18 Novembro 2018.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Pierre Monbeig (1908-1987)

Notas biográficas

Pierre Monbeig (1908-1987): biographical notes

Pierre Monbeig (1908-1987): notas biográficas

Pierre Monbeig (1908-1987) : notes biographiques

Larissa Alves de Lira

Introdução

- 1 É comum tratar-se a trajetória de Pierre Monbeig de maneira indiferenciada em relação às dos outros geógrafos vidalianos. No Brasil, consolidou-se na historiografia crítica um perfil “padrão” da chamada geração “tradicional”: estudiosos, apolíticos – ou apoiadores dos resquícios do movimento colonial francês - fiéis à tradição descritiva (Moraes, 2016 [1981]).

Figura 1: Pierre Monbeig



Fonte: Cartilha comemorativa da Cátedra Pierre Monbeig. FFLCH-USP

- 2 Existem dois grandes troncos de interpretação quanto à evolução da trajetória intelectual de Monbeig no Brasil: de um lado, reafirma-se sua inserção dentro da tradição vidaliana, ora denunciando-a,¹ ora sendo-lhe reverenciadora. De outro lado, há um grupo que afasta Pierre Monbeig dos “estigmas” da geografia “tradicional”. Todavia, ao fazê-lo, não produz uma revisão crítica em relação ao papel do círculo intelectual no qual ele se insere. Não revisam a imagem com que a geografia regional se revestiu no Brasil, atribuindo um suposto papel secundário a Vidal de la Blache na reestruturação do conjunto das ciências sociais a partir de fins do século XIX. Tal interpretação produz um isolamento da figura de Monbeig de seu grupo, alçando-o a um geógrafo renovador, mas deslocado de sua herança.²
- 3 Ligeiramente destoante desta última corrente, esta nota biográfica adere às atuais revisões do significado teórico e político da geografia regional no seu conjunto (Soubeyrain, 1997; Clerc, 2017; Arrault, 2007). Questiona-se uma visão monolítica da identidade de um grupo (no caso, os discípulos diretos e indiretos de Vidal de la Blache),³ como se essa identidade não estivesse em movimento, junto com as reordenações que atravessam a sociedade francesa. Desde a guerra franco-prussiana, em 1870, até a primeira (1914-1918) e a segunda (1939-1945) guerras mundiais, muita coisa mudou. Há de se concluir que essa identidade coletiva estivesse sob jugo dos reposicionamentos institucionais, da ascensão de novos líderes, das possíveis disputas⁴ e dos deslocamentos geográficos.
- 4 Convém não esquecer, no entanto, que a trajetória de Monbeig é particular. Sai de um país do “velho mundo”, que, muito próximo do centro da economia-mundo, tem configuração peninsular, denso em população e acúmulo cultural. Migra para outro

espaço com o fito de conduzir a “modernização” da geografia acadêmica, um “país novo”, continental, “vazio”, tropical e que vive a urgência do desenvolvimento (Lira, 2017). Se esse deslocamento poderia nos inculcar a hipótese de que Monbeig é premido por um contexto territorial, de construção de um coletivo, e por eventos idiossincráticos, nada disso levaria à conclusão automática de um rompimento com a geografia vidaliana e com os geógrafos com os quais se identifica. A tendência é, na verdade, contrária: as disposições individuais se acomodaram às disposições coletivas e o continente brasileiro continuará mais para confins do mundo Atlântico do que por um mundo pan-americanista. Pelo menos enquanto a complexa compreensão dos seus sertões não impuser lentamente uma transição de paradigmas e de reordenamento de trocas intelectuais da França para os Estados Unidos.

- 5 Nesta nota biográfica, preferimos colocar acento sobre um traço pouco valorizado na trajetória de Monbeig – e de alguns vidalianos – que ajudaria a reposicionar o senso-comum a que estão sujeitos: houve engajamento político desses geógrafos frente aos dilemas do presente? França, Espanha e Brasil são os países que marcaram a trajetória de Monbeig. Quanto ao Brasil, trata-se de um país que vive na década de 1930 a urgência do desenvolvimento, estando imerso em uma cultura militante (Miceli, 2001: 120-125). Contexto que não passou ao largo da adaptação da teoria vidaliana aos trópicos, mesmo que a caracterização de um geógrafo engajado, mas não militante, ressurgia amiúde.
- 6 A hipótese de um suposto engajamento de Monbeig no Brasil, apoiou-se na interpretação de Jean Dresch e as fontes a confirmaram: “Pierre Monbeig era, como eu também sou, sensível aos espetáculos da pobreza, tão diferentes, mas também tão frequentes tanto em um como em outro continente (...) ele não possuía um espírito militante, mas a questão [da pobreza] aparecia com insistência nas suas orientações, na escolha das suas questões” (Dresch, 1991: 50, tradução da autora). Aderimos a uma concepção de história intelectual em que a dimensão epistemológica e política não se fundem, tampouco excluem-se, não se justapõem, tampouco prescindem dos empréstimos. As dimensões política e epistemológica têm seus próprios vocabulários, seus próprios ritmos e evoluções, mas realizam trocas.

Um biografismo político

- 7 Pierre Monbeig nasceu em Marissel, em 1908, nos subúrbios de Beauvais, no departamento de Oise, França (Clout, 2013: 54). Passou a infância em contexto de limitações de deslocamentos devido ao desenrolar da Primeira Grande Guerra. Mesmo que de origem familiar *béarnais*, ele só conhecera o sul da França aos 15 anos de idade, o que foi para ele uma revelação. Teria se orientado ali pelo gosto das viagens, pelo desconhecido, pela própria geografia? A luminosidade do Mediterrâneo, que marcara os impressionistas franceses, fora também estimuladora da aptidão profissional de um jovem que tivera uma mobilidade limitada? O geógrafo explica:

Eu fui muito marcado, logo eu, que passei toda minha infância em Paris durante a primeira guerra, pela viagem que realizei pela primeira vez em 1923 ou 1924, ao Sul. Foi uma descoberta e um choque: um pequeno bárbaro loiro que havia descido ao Sul. Tive uma revelação, que, sem nenhuma dúvida, restou em minhas memórias. Talvez a hereditariedade também tenha tido sua influência, pois eu possuía um velho atavismo “béarnais”. Tive vontade de ir a Espanha. (Monbeig *apud* Bataillon, 1991: 28-29)

- 8 Mas a escolha da Geografia e História (nesse momento ensinadas juntas na Sorbonne) não se dava exclusivamente por afinidades sentimentais. Posturas políticas e a origem social também se refletem nas opções profissionais. Pierre Monbeig tivera uma origem modesta. Filho de professores, sua mãe o estimulava a cursar a graduação em inglês, enquanto o pai encorajava a opção pela História. A questão financeira pesou na sua escolha, vindo a priorizar a estabilidade que lhe proporcionaria a carreira de professor, seguindo a profissão dos pais.

No fundo, eu hesitei seriamente entre estudar Inglês ou História e Geografia. Via-me submetido a influências muito conflitantes, minha mãe insistia fortemente para que eu fizesse a licenciatura em Inglês, dizendo que os professores de História e Geografia não davam aulas particulares, enquanto que os anglicistas as ofereciam. Devo dizer que os meus pais eram antigos professores de classes elementares da escola secundária. A vida nem sempre fora fácil para eles, e o aspecto financeiro da profissão contava muito. Meu pai me deixou mais livre, mas sua influência foi muito mais durável e sutil porque ele amava História. Numa época em que isso era permitido, embora ele não tivesse concluído a licenciatura, ele tinha obtido um Diploma de Estudos Superiores em História, mesmo sendo professor da turma de 7º ano do Liceu de Beauvais. Penso então que devo ter hesitado um pouco, mesmo sem perceber completamente. (Monbeig *apud* Bataillon, 1991: 27-28)

- 9 Uma modesta família e uma orientação política voltada à preocupação com os problemas sociais atraíram Pierre Monbeig à História e Geografia, bem como reforçaram sua tendência em aprofundar-se no seio da última. Tratava-se de uma disciplina cujo recrutamento era mais democrático, sem a exigência do Latim, o que possibilitava uma seleção social mais heterogênea e uma evolução na carreira menos exigente quanto às matérias escolásticas (Charle, 1994).

Eu acho que isso é devido principalmente ao fato que, quando somos jovens e nos interessamos pela Geografia e, especialmente, pela Geografia Econômica e Humana, fazemo-lo quase sempre porque nos sentimos atraídos por certas preocupações de caráter social. E reforçamos nossas convicções pelo próprio fato de começarmos a fazer Geografia. (...). A seleção de estudantes de Geografia sempre foi mais democrática do que a de outras disciplinas, especialmente a de economistas, e até mesmo de historiadores. (...) Mas mesmo no passado, mesmo quando eu era estudante, penso que os alunos que preferiam Geografia a História eram na maior parte das vezes de origem mais modesta e tinham no geral uma opinião política situada muito mais à esquerda do que à direita. Eu acho que por conta de suas origens, de suas famílias, da vida de seus pais, tias, primos, de todos os seus laços, eles eram muito mais próximos do trabalho manual. (Monbeig *apud* Bataillon, 1991: 33)

- 10 Na Universidade, Pierre Monbeig conheceu sua futura esposa, Juliette Janet, estudante de História. As relações familiares de Monbeig, principalmente aquelas travadas após este relacionamento, apontam para uma proximidade com intelectuais literários e científicos importantes de sua época. Um dos primeiros Janet, Pierre-Etienne Janet (1746-1830), deu início a uma longa descendência, da qual se destacara o célebre psiquiatra Pierre Janet. A família de Juliette Janet lançava Monbeig no seio do mundo acadêmico, enquanto sua própria família o fazia provavelmente lembrar da importância dos pequenos trabalhadores para a construção de seu país.
- 11 A data de ingresso de Pierre Monbeig na Sorbonne não é exata, mas ocorreu provavelmente no ano letivo de 1924-1925. Na Sorbonne, Monbeig relata que, pelo reduzido efetivo de professores de geografia, sentiu-se muito influenciado por todos eles (Albert Demangoen, Emmanuel de Martonne, Lucien Gallois e Augustin Bernard). No

curso de História, Monbeig era próximo de Henri Hauser, com quem sua esposa fizera o *Diplôme d'Études Supérieures* (Monbeig, 1991). Em 1928, adquire o diploma de estudos superiores (Clout, 2013: 55). Obtém a *Agrégation*⁵ com a idade de 21 anos (Clout, 2013: 56) e, logo depois, Albert Demangeon o estimula a começar uma tese de Geografia Humana sobre as ilhas Baleares (Clout, 2013: 56). Em 1930 e 1931, frequentou os espaços da Casa Velásquez, na Espanha.

- 12 Numa Espanha efervescente, logo após a queda de Primo Rivera, Monbeig vai encontrar geógrafos que, como ele, estavam em situação de deslocamento: Pierre Vilar e Maurice Legendre. Quanto a este último, era um dos discípulos de Jean Brunhes, e provavelmente evocou a sensibilidade do jovem estudante de geografia para a observação da paisagem e pela possibilidade de registrá-la através de um recurso que começa a ser cada vez mais utilizado pelos geógrafos: a máquina fotográfica.
- 13 Além desse recurso artístico, o jovem Monbeig é igualmente engajado nas oportunidades práticas de intervenção, na economia e na questão do urbanismo, que, nessa época, impulsionam os geógrafos à ação (Robic, 1996). Sua vinculação às questões contemporâneas e às influências do contexto político é indubitável. Segundo Ferras, as agitações políticas da Espanha tiveram vívido papel nas escolhas de Monbeig (Ferras, 1991: 68). Comentando a indagação de Claude Bataillon (1991: 29) sobre o porquê de ele escolher a Espanha e não a Itália, deixa clara a importância do critério político: “Ah! A Itália não! Eu detestava os italianos por causa de Mussolini (mas isso nos levaria muito longe)(...)”.⁶
- 14 Desse modo, o idealismo artístico da cultura mediterrânea conjuga-se com um idealismo político. Quanto à sua sedução para além da geografia, Monbeig também responde a Claude Bataillon (1991: 31): teria sofrido a tentação de “sair” da geografia? “Sair não, mas tentar, sem conseguir resolver todas as lacunas em direção àquilo que se chamava na época ‘*economia política*’” [grifo nosso].
- 15 No que toca às transformações políticas pelas quais passava a Espanha, principalmente com a promulgação de uma ampla Reforma Agrária, Pierre Monbeig revela seu parecer: “a lei indica com justiça que a cooperação e a exploração coletiva deverão ser preferenciais em relação à posse individual” (Monbeig, 1991a: 78). Uma posição ideológica que não se radicaliza à abolição da propriedade, mas que saúda a intervenção coletiva e o controle estatal, a qual ele define como “um socialismo de direita, para retomar os termos de nossa topografia parlamentar, um socialismo reformista” (Monbeig, 1991a: 79). Defende então esse socialismo das críticas da direita e da esquerda (Monbeig, 1991a: 79).
- 16 Essa trajetória de pesquisa na Espanha é momentaneamente interrompida em 1935. Fora convidado por Henri Hauser e George Dumas⁷ a ministrar aulas de Geografia e História na recém-fundada Universidade de São Paulo, no Brasil, no seio de uma missão universitária francesa. A proposta é vista por Monbeig como uma aventura, uma imersão em um país desconhecido que duraria de início 6 meses.

Nesse tempo, 1934/1935, vir da França para o Brasil ainda era de certa forma uma viagem de exploração. Lembro-me que, quando falei para minha avó que vinha para São Paulo, ela comentou: “Ah, sim, São Paulo... Há algum tempo um tio nosso passou por Santos. Lá é o país do ‘vômito negro’, da febre amarela’. Essa ainda era a fama do Brasil para algumas pessoas mais velhas. (Monbeig *apud* Mota, 1981: 253)
- 17 Quando chega ao país novo, que susto! “Caímos dentro de um poema surrealista”- exclama Monbeig ao adentrar em um salão de jantar no hotel Terminus, em São Paulo, deparando-se com um ambiente decorado com pinguins. Após terem partido do porto de

Santos, percorrido os meandros da Serra Mar, ele e o antropólogo Lévi-Strauss, que também compunha a missão francesa, são surpreendidos pela extravagância da decoração. Era uma quarta-feira de cinzas, o último dia do carnaval brasileiro. O salão cederia espaço, na noite anterior, para um baile patrocinado pela cerveja Antarctica, cujas efígies na época eram representadas por pinguins! (Monbeig, 1984). Esta cena é ilustrativa: tratava-se de perceber o desafio que a compreensão do Brasil colocava a estes jovens franceses, após terem decidido, simplesmente, atravessar o Atlântico.

- 18 Depois, outra surpresa. Ele descobre que as redes de informação francesas eram no mínimo falhas: a proposta, na verdade, era para ficar por três anos. Mas aceita novamente o desafio, alegando um segundo motivo: as aulas como professor universitário seriam bem pagas. Dada a falta de financiamento às pesquisas na França, poderia financiar seus trabalhos de campo a partir de uma poupança constituída no Brasil. Mas isso também se demonstrou planos de verão:

(...) queria conhecer alguma coisa a mais que o Hexágono, fugir da vida de liceu no interior do país. Tentaram me motivar pelo dinheiro: dois ou três anos no Brasil para tornar-me rico, mais um ano sem trabalhar para terminar minha tese, e isto me convenceu. (...). [Georges Dumas] ‘utilizou argumentos inteiramente falsos. Ele me disse a respeito de São Paulo que seria ‘Nice todo ano’ e eu verifiquei em seguida que não era o caso. Ele me disse também que, com dois anos de trabalho, eu ganharia uma fortuna; e eu constatei já na chegada que não eram dois, mas três, e que se o salário não era uma miséria, [mas] não permitia economizar para ficar um ano sem trabalhar na França. (Monbeig *apud* Petitjean, 1996: 274)

- 19 E apesar das queixas, os depoimentos de outros professores confirmam que a proposta financeira, mesmo insuficiente para financiar pesquisas no Mediterrâneo (como imaginara Monbeig), permitiria, mesmo assim, subir vários degraus na hierarquia social (ou, pelo menos, era o que eles sentiam). Eles haviam deixado de ser professores de liceus para se tornarem professores universitários. Além disso, a motivação de viajar para o outro lado do Atlântico era evidente para um geógrafo. Pierre Monbeig, especialmente, tinha um gosto pela aventura:

Além dessa visão do “Eldorado” brasileiro? Dois motivos. Um deles estava ligado a razões puramente pessoais. Minha mulher conhecera o Brasil quando solteira e me falava muito do país. Além disso, como estudante de Geografia e História, interessei-me pela América do Sul e, naturalmente, pelo Brasil, que é o país mais importante da região. O outro motivo está ligado à própria vocação da Geografia: o geógrafo aceita viajar porque deseja conhecer outras terras. Hoje, muitos geógrafos pensam que podem ficar trabalhando sobre estatísticas em seus escritórios. Acho que não é assim que se conhece o mundo. No meu tempo, os geógrafos tinham o desejo de viajar, de entrar em contato com outros povos. (Monbeig *apud* Mota, 1981: 254)

- 20 Uma provável decepção em relação aos seus salários levou-o a reorientar o tema de tese, frente à impossibilidade de realizar trabalhos de campo na Espanha, mas o estopim dessa necessidade se deu com o começo da guerra civil espanhola, cujos primeiros movimentos rebeldes ocorreram em 17 e 18 de julho de 1936. “(...) em 1936 eclodiu a Guerra Civil Espanhola, o que colocou fim em minha tese sobre as ilhas Baleares” (Monbeig *apud* Bataillon, 1991: 29). Mas existiam outros motivos para essa reorientação: o apego ao Brasil: “(...) Além disso, o Brasil me havia cativado, sem dúvida – então foi sobre ele que fiz minha tese” (Monbeig, 1984).
- 21 Hervé Théry nos conta que, quando a ditadura de Franco se instalou na Espanha, Monbeig declarou que não contribuiria com o regime e que se recusava a voltar ao país até que a ditadura fosse abolida. Anos depois, Marianne Hanno Monbeig, sua filha, dizia que o

humor do pai o permitia fazer troça com uma experiência um tanto desagradável. Na Espanha, fazia uma viagem de trem com Juliette Janet quando, inesperadamente, passou mal e tombou do trem. Toda a locomotiva teve que parar para recuperá-lo. Monbeig brincava com seus filhos que o evento fora uma tentativa fracassada de os militantes pró-regime lhe expulsarem do comboio.

- 22 No Brasil, Monbeig teve papel formador fundamental – teórico, institucional e organizacional –, além de ter desenvolvido a tese de doutorado que defendera em 1950 na *Sorbonne*. Os detalhes desses anos são inúmeros. Ressaltemos algumas passagens. Para além do exercício das salas de aula, de ter dado continuidade à Associação dos Geógrafos Brasileiros fundada em 1934 por Pierre Deffontaines, a associação do ensino à pesquisa foi um passo essencial para amarrar o vínculo de Pierre Monbeig ao Brasil profundo e às classes populares que buscavam ascensão social pela vida universitária, bem como com a formação da própria geografia brasileira. Um aluno dele, Pasquale Petrone, que se tornará professor do Departamento de Geografia da USP, relatou como a prática de pesquisa liderada por Monbeig foi essencial na formação do departamento (Petrone, 1994: 3).⁸
- 23 Na Universidade de São Paulo, apesar de estar inserido em uma instituição de desígnios elitistas (Limongi, 1988), Pierre Monbeig manteve sempre um compromisso com as classes populares que aos poucos iam ingressando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). A heterogeneidade das classes na FFCL constitui-se um pouco por acaso. Seus diretores, percebendo que a continuidade do ensino fosse talvez prejudicada do primeiro para o segundo ano por falta de público, decidiram por distribuir bolsas de estudos (Petitjean, 1996). Fernand Braudel, também ele um dos membros da missão francesa, percebeu claramente a mudança de ambiente (Petitjean, 1996). Monbeig também viu uma profunda mudança social. Esta ligação com um Brasil mais popular estabeleceu um outro tipo de vínculo com o Brasil, em que as aspirações de mais amplas camadas da sociedade são incorporadas pelos trabalhos dos professores franceses.
- 24 A afinidade entre Pierre Monbeig e Lévi-Strauss, um jovem professor socialista, soldou-se nos primeiros dias vividos no Brasil (Peixoto, 2001). O norte do Paraná foi terreno de estudos de ambos os intelectuais, que viajavam muitas vezes juntos (Peixoto, 2001). As lembranças de Lévi-Strauss expressam uma certa melancolia em relação a sociedade paulista: “Um espírito malicioso definiu a América como um país que passou da barbárie à decadência sem ter conhecido a civilização. Poder-se-ia, com mais justeza, aplicar a fórmula às cidades do Novo Mundo: elas vão do frescor à decrepitude, sem parar na maturidade” (Strauss *apud* Peixoto, 2008: 173). Monbeig não compartilha do mesmo pessimismo. Está inserido em um contexto de progressivo contato dos geógrafos europeus com os espaços tropicais, e que começa a desfazer as imagens deletérias da “adaptação do homem branco aos trópicos”, como se falava na época (Robic, 2013).
- 25 O geógrafo americano Isaiah Bowman, que, no Congresso Internacional de Paris de 1931 apresentou um trabalho sobre as “frentes pioneiras” no mundo (certame, aliás, em que Monbeig estivera presente ainda como estudante), havia reabilitado o estudo das zonas tropicais em contexto de autonomia das nações, deslocando-se dos legados da geografia colonial. O diretor de tese de Monbeig, Albert Demangeon (1932: 636), lhe empresta esta ideia ao relacionar os espaços de colonização, na forma de frentes pioneiras, com a construção de nacionalidades.
- 26 Pierre Monbeig se filia em parte às ideias de Bowman para anunciar seu novo projeto de pesquisa a ser desenvolvido no Brasil (Monbeig, 1935: 221). O trabalho de Bowman também explicita a problemática teórica que está implícita na ideia de “franja pioneira”,

como Monbeig preferia dizer (Théry, 1991), e porque teria escolhido este termo, ao invés, talvez, de uma nomenclatura mais próxima da geografia colonial, como “zona tropical”. Apenas as “franjas pioneiras” restavam como sendo zonas que fugiam à imagem de um mundo “fechado” ou “acabado” (Robic, 2013: 14). E elas se alçam em 1931 à ordem do dia, porque representavam a necessidade de intervenção do homem na organização desses espaços em nações cujo contexto era de independência. Junto com a Rússia, a América Latina e o Brasil representavam a maior extensão pioneira existente na civilização global que haviam tomado seus destinos nas mãos. As sutilezas classificatórias da terminologia revelam os pressupostos políticos adotados.⁹

- 27 Antes da partida do Brasil, abordemos rapidamente um capítulo pouco conhecido de sua passagem pelo país novo. Após a eclosão da segunda guerra e da assinatura do armistício franco-alemão, em 1940, deu-se um impulso à colaboração do Estado francês com o inimigo. Os intelectuais e funcionários do governo em missão científica defrontavam-se com delicada situação: como representar a grandeza de um país invadido? (Suppo, 1995: 77). Pierre Monbeig irá se apoiar na propaganda (clandestina) de uma França resistente.
- 28 Ainda no cenário da neutralidade do Brasil na guerra, que se prolongou até pelo menos 1942, o governo Vargas passou a cooperar silenciosamente com o governo de Pétain, ao censurar as atividades dos partidários de de Gaulle em São Paulo e no Rio de Janeiro (SUPPO, 1995, p. 76). Ainda assim, a orientação imediata do governo era de manter os intelectuais nos seus postos (Suppo, 1995: 77). Desde 1940, assiste-se a um movimento pela França Livre no Brasil (Suppo, 2002: 436) numa situação clandestina. Pierre Monbeig adere imediatamente a uma postura em prol da França Livre (Suppo, 2002).
- 29 Uma situação de repressão que só não fora mais aguda porque uma desavença se instala no seio da diplomacia francesa. Em março de 1941, Maurice Pierrotet é nomeado cônsul geral do Consulado de São Paulo. Radical de direita, ele vai tentar dismantelar a missão francesa no Brasil (Suppo, 1995: 77-78). Mas havia o contraponto de Saint Quentin. Embaixador da França no Brasil, era partidário de um anti-gaulismo moderado, nutrindo uma postura de tolerância face aos professores franceses, porque não via necessidade de precipitar a ruptura (Suppo, 2002: 414).
- 30 Um evento irá claramente contrapor estes dois homens da diplomacia. Passando por São Paulo em maio de 1941, Saint Quentin convocará uma reunião com os professores franceses. Esses reivindicavam serem promovidos às “maître de conférences”, no intuito de se nivelarem aos salários dos professores italianos (Suppo, 1995: 78). Todavia, Maurice Pierrotet tenta obstar a consecução dessa medida, já rebaixada pela negociação, que propunha deferir, “na medida do possível a promoção de Roger Bastide, Bonzon e Monbeig” (Pierrotet *apud* Suppo, 1995: 78). Sabe-se que a política de cortes salariais de Pierrotet vai atrapalhar bastante a vida da família de Monbeig no Brasil. Marianne Hanno Monbeig relata que, quando se instalou o governo de Vichy, o casal retirara os filhos do liceu francês, que passaram a estudar em um colégio inglês. Durante esse mesmo período, fizeram-se importantes cortes no salário de Monbeig, em represália às suas rebeldias. Marianne afirma que este momento foi financeiramente difícil para a família.
- 31 Pierrotet proporá uma outra ação em que as atitudes dos dois diplomatas destoaram. Pierrotet primeiro queria convocar um inquérito para identificar os dissidentes e mandá-los de volta para França. Entretanto, Quentin se manteve na oposição e assegurou os seus postos. Para Pierrotet, “existiam dois tipos de comportamento; o de professores com uma ‘atitude perfeita’, como Hugon, Arbousse-Bastide, Roger Bastide, Maugué, (...); e o de professores com uma ‘atitude extremamente criticável’, como Bonzon, Gagé e Monbeig,

‘cujas opiniões gaullistas são notórias assim como suas relações com o Consulado Geral da Inglaterra e o Comitê Gaullista’” (Pierreetet *apud* Suppo, 1995: 79).

- 32 No entanto, quando o governo brasileiro segue as orientações dos Estados Unidos, tendo apoiado o general Giraud e seu representante no Brasil, uma progressiva tolerância aos comitês gaullistas se acentua (Suppo, 1995: 81). A esta altura, Pierre Monbeig, Roger Bastide, Jean Gag   e Arbousse-Bastide chegaram a se partidarizar por uma ruptura total com o consulado vichista (Suppo, 2002: 595). Pierre Monbeig procurava então propagandar o caráter da Resistência como um movimento popular, contra as forças totalitárias e colaboracionistas (Monbeig, 1944: 10). Em setembro de 1944, publica na revista dos alunos da Faculdade de Filosofia, “Clima”, uma espécie de manifesto político intitulado “A resistência, Alger e a democracia”, onde traça uma pequena história do movimento da Resistência. Em 10 de junho de 1944, o jovem Monbeig traz a conhecimento dos brasileiros o processo de Liberta  o que estava se passando na França. Para ele, o auxílio dos americanos não apenas não apegunava a missão francesa, como era a Resistência que mantinha o farol do Hexágono como simbologia de uma grande na  o:

Os homens da Resistência Francesa fazem explodir agora todo o seu ódio aos nazis e seus admiradores; eles, que nunca abandonaram a luta, v  o justificar mais do que nunca a famosa declara  o de de Gaulle: ‘A França perdeu uma batalha, não perdeu a guerra’. Para os franceses, o desembarque de soldados das Na  o  es Unidas na costa normanda não é uma invasão:   , finalmente, a chegada de auxílio que lhe faltou em 1940, a realiza  o de esperanças nunca esmorecidas e o penhor da vitória dos povos contra o nazismo. (Monbeig, 1944)

- 33 Monbeig retorna do Brasil em 1946 e defende sua tese principal, *Pionniers et Planteurs de São Paulo* em 1950, obtendo o título de doutor na Sorbonne. Na opinião do próprio Monbeig, os anos no Brasil foram de bastante agita  o. Foi essa “agita  o” dos franceses que colaborou para instaurar um inconformismo intelectual que esteve na base de uma autonomia universitária. “Você consegue imaginar que aventura fascinante era para um jovem francês ser de repente atirado nesta outra dimensão. E que enriquecimento, em vez de seguir uma carreira sossegada, monótona e c  moda na França, era o fato de termos de inventar e de nos envolver em confusão (Monbeig, 1984).
- 34 Em 1950, ele já exercia o cargo de professor de Geografia Colonial na Universidade de Strasbourg, no leste da França (Andrade, 1994: 75). Regressando a Paris em 1952, assume a cadeira de Geografia Econ  mica no *Conservatoire National de Arts et M  tier*, onde lecionar   por 9 anos. Então, em 1961,    nomeado professor de Geografia Humana na Sorbonne (Andrade, 1994: 75), quando passa a acumular o cargo de Diretor do *Institut des Hautes   tudes de l’Amérique Latine* (IHEAL), cargo essencialmente administrativo (Andrade, 1994: 75-76). Torna-se então diretor de pesquisas do CNRS (Conseil National de la Recherche Scientifique), onde utiliza toda a sua experiência administrativa adquirida no Brasil como um organizador das ciências humanas francesas. Hervé Théry rememora que Pierre Monbeig distribuía os recursos para pesquisa nas ciências humanas na França, o que o manteve atento aos avanços das ciências humanas francesas em diversos campos e o que o qualificava como um homem influente nos meios científicos.
- 35 No IHEAL, Monbeig coordenou um grupo de estudos sobre a Amazônia, ocasião em que pôde formar um conjunto de discípulos, entre eles Martinne Drouleurs e Hervé Théry. Monbeig sempre foi muito próximo dos historiadores dos *Annales*, após ter mantido laços de amizade com Lévi-Strauss e Fernand Braudel após o retorno    França (Salgueiro, 2006). Depois de deixar oficialmente o Brasil, retornou ao país diversas vezes, como convidado de honra em diversos eventos e congressos (ver foto 3). Manteve-se como uma referência

importante a Braudel quanto este o solicitava indicações sobre a geografia, o que pôde ser verificado nas cartas trocadas entre ambos durante toda as suas vidas acadêmicas.

Figura 2: Pierre Monbeig supervisiona seus alunos em 1954



Fonte: Cartilha de Comemoração de 70 anos dos estudos de Geografia- FFLCH- USP. Org: Cátedra Pierre Monbeig, FFLCH-Universidade de São Paulo.

A contribuição de Pierre Monbeig à geografia brasileira

- 36 Um personagem importante com quem se envolveu Pierre Monbeig no Brasil reforça o argumento da preocupação social desse geógrafo francês em ambiente intelectual brasileiro. Pierre Monbeig irá reconhecer, ao chegar no Brasil, a importância do jovem intelectual comunista Caio Prado Jr na compreensão da inserção do país novo nos jogos da economia mundial. Não se pode falar de simples influência de um personagem sobre outro, mas trocas intelectuais frutíferas que ambos nutriam inspirados pela modernização da geografia.
- 37 Um importante conceito que está em vias de ser elaborado por Caio Prado Jr no começo da década de 1930, “o sentido da colonização” é a expressão mais acabada do impacto da geografia e da tropicalidade na organização econômica do Brasil e no pensamento de Caio Prado. “Argumentava, em tom de denúncia, que a colonização do Brasil pelos portugueses tivera um único objetivo: ‘a produção de certos gêneros tropicais de grande procura na Europa’ (Iumatti, 2008: 139). A tropicalidade é a premissa geográfica do conceito de “sentido da colonização” da América do Sul, em oposição e complementariedade com a Europa. Essa caracterização de um Brasil tropical é adotada por Monbeig, reverberando que o raciocínio geográfico nutria ambos os autores: “é preciso colocar a América junto com a Europa propriamente dita ela é o prolongamento (Monbeig, O Estado de São Paulo, 13 de nov. de 1940).

- 38 Todavia, não era apenas com Caio Prado que Pierre Monbeig estabeleceu trocas intelectuais. No caso do Brasil, deve-se ressaltar que o contexto de formação do Estado Brasileiro no interior do movimento de modernização de um vasto território praticamente vazio na década de 1930, antecipa a onda planejadora que ocorre na Europa de forma mais abrangente apenas após a segunda guerra. No Estado Novo, apesar de perseguir os comunistas, Getúlio Vargas era também um antiliberal. Em 1937, logo após o golpe, Vargas declara imediatamente que seu maior objetivo era combater as discrepâncias regionais do Brasil (e os particularismos locais) para promover o desenvolvimento nacional através da ação de um Estado forte (Penha, 1993: 52). Um impulso ao pragmatismo ganhou versões mais acentuadas em contexto americano.
- 39 No Brasil, cujas referências europeias Pierre Monbeig fez questão de ressaltar, desenvolveu-se o que ele chamou de “neo-regionalismo” (Monbeig, 1957: 22.). Na Universidade de São Paulo, apesar de ter sido contratado por uma comunhão elitista e liberal (Limongi, 1988; Cardoso, 1992), com quem ele não deixou de manter diálogos, Pierre Monbeig também estabeleceu relações com personagens de vertente mais popular e nacionalista. A saudação da AGB, que ele presidia, à política do Estado Novo, não nos se assemelha à simples retórica:¹⁰
- São Paulo, 1º setembro de 1942.
Exmo. Senhor Presidente Getúlio Vargas
Palácio Catete – Rio
Temos a honra levar conhecimento Vossencia [sic] que a Associação Geógrafos Brasileiros com sede S.Paulo deliberou unanimemente hipotecar irrestrita solidariedade patriótica atitude assumida governo Vossencia aguardando ordens para poder prestar serviços defesa do Brasil. Respeitosas saudações,
Pierre Monbeig presidente
Aroldo de Azevedo secretario
Salvio Almeida Azevedo tesoureiro
(Fonte: Arquivos da AGB-SP)
- 40 Mas ele manteve a sua independência, conversava com Vargas, com os paulistas, com os franceses e com os comunistas. Em 1940, endereça um convite ao historiador comunista para participar de uma publicação especial da AGB sobre o estado de São Paulo, em que Caio Prado voltaria a discorrer sobre os aspectos geográficos da cidade de São Paulo (MONBEIG apud Iumatti, Seabra, Heidemann, 2008: 52-53). Esse novo enquadramento da postura de Pierre Monbeig nos faz repensar como Pierre Monbeig compreendeu as temporalidades próprias do Brasil. Quais são as questões sociais implicadas na análise do avanço do capitalismo no Brasil nas franjas pioneiras? Sua compreensão contribuiu com as políticas geográficas de um governo popular e intervencionista?
- 41 Cabe aprofundar-se, em face a tais questões, em uma das mais fecundas contribuições teóricas de Monbeig: o estabelecimento do entendimento de ciclo urbano e agrário das franjas pioneiras.¹¹ Ocorrido em 1940, em Florianópolis, no 9º Congresso Brasileiro de Geografia aparecem os primeiros estudos de uma “geografia moderna desenvolvida no Brasil” (Pereira, 2007). A ideia de ciclo urbano é um dos primeiros modelos tipicamente expressos na obra de Monbeig. É o próprio Monbeig quem introduz essa modelização:¹² o fator de fundação da cidade é um fato pretérito. O impulso modernizador, todavia, é seletivo, valoriza alguns cruzamentos (cidades) em desfavor de outros, em função da situação em uma rede urbana em escala nacional e global. Como consequência à intervenção técnica há uma “ressignificação” dessa rede de relações. Com a chegada da

via férrea, o florescimento das cidades se desloca para o seu ponto terminal do *front*, enquanto que aquelas que ficam na retaguarda envelhecem.

- 42 Nessa condição, a nova cidade que se torna “boca do sertão” passa a significar um importante mercado entre a parte do ecúmeno industrializado e o sertão. A nova cidade serve como espaço de aprovisionamento entre as zonas ocupadas e as zonas afastadas, um verdadeiro mercado de convergência entre os produtos do sertão, zona ainda não atingida pela estrada de ferro, e as zonas que produzem mercadorias manufaturadas. A nova cidade conta com a mão de obra do Brasil sertanejo e promove a sua redistribuição. As primeiras colheitas que esta cidade concentra são distribuídas e exportadas pela via férrea, e são excepcionais, mas logo o solo se esgota pelo seu próprio ciclo. Os pioneiros, os fazendeiros e os sitiantes, só conseguem renovar as suas esperanças com a ideia de avançar ainda mais sob novas terras. Mas tendo capturado o Estado, os capitalistas antecipam a ideia e começam a organizar a nova boca do sertão à distância: missões científicas, especulações, precificação da terra, planos para a via férrea. Quando há um deslocamento do *pioneering front*, a partir da renovação da demanda externa, a cidade perde sua condição de entreposto comercial, e, nas palavras de Monbeig, começa o período crítico: os solos esgotados tenderiam a não resistir à concorrência das novas zonas e às suas cidades correspondentes.
- 43 Caso a agora velha cidade tenha conseguido se solidificar aderindo a uma nova função urbana, ela tem mais chances de sobreviver: indústrias, escolas, praças bancárias podem ajudar na especialização dessa função. Depois da decadência, as migrações podem seguir para as novas zonas pioneiras ou para as regiões industriais na retaguarda do processo, mais próximas da capital. Na nova zona pioneira, vê-se um recomeço do ciclo. Nas cidades, gera-se um ciclo de crescimento e industrialização. Assim, ao redor da cidade industrial constroem-se bairros ou vilas para produção de hortaliças, não muito afastados. Monbeig diz que, *mutatis mutandis*, todo esse processo se parece com o movimento de desagregação do feudalismo na Europa medieval. Ele modelizou o nascimento do capitalismo brasileiro?
- 44 *Mutatis mutandis* porque, para Pierre Monbeig o problema da construção do mercado interno no Brasil tem também suas especificidades: dava-se após um longo ciclo de desenvolvimento regional comandado pela franja. O trabalhador vai se fixando à terra na retaguarda do processo, ou seja, entre a metrópole e a zona pioneira, depois que sua classe fora explorada na zona pioneira, e não na vanguarda, o que, ao nosso ver, demonstra como Pierre Monbeig observou um processo de desenvolvimento que se retardou. Ao distribuir riqueza de forma periférica e não no centro do processo, o caso brasileiro teria ocorrido de forma diferente dos Estados Unidos, por exemplo, caso este que Monbeig conhecia muito bem. Trata-se da descrição de um ciclo geográfico da exploração nas entrelinhas de seu discurso? Ou uma intuição sobre o descompasso temporal gerador do subdesenvolvimento? (Lira, 2017).

BIBLIOGRAFIA

- Ab'Saber, A. (1994). *Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo*. Estudos Avançados, São Paulo, 8, 22.
- Andrade, M. C. (1994). Pierre Monbeig e o pensamento geográfico no Brasil. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 72, pp. 63-82.
- Arrault, J.-B. (2007). *Penser à l'échelle du Monde: histoire conceptuelle de la mondialisation en géographie (fin du XIXe siècle/entre-deux-guerres)*. Tese de doutorado. Université Paris 1-Panthéon-Sorbonne.
- Bataillon, C. (1991). Les années de formation. In : Théry, H. ; Droulers, M. *Pierre Monbeig: un géographe pionnier*. Paris: IHEAL, pp. 27-34.
- Bedoulay, V. (2008 [1981]). *La formation de l'école française de géographie (1870-1914)*. Paris: Ed. du CTHS.
- Bray, S. C. (1983). O pensamento e o método na obra de Pierre Monbeig – análise dos trabalhos produzidos no Brasil nas décadas de 30 e 40. *Revista de Geografia* (São Paulo), vol. 2, pp. 83-90.
- Cardoso, I. de A. R. (1982). *A universidade da Comunhão Paulista*. São Paulo: Cortez.
- Charle, C. (1994). *La République des Universitaires 1870-1940*. Paris: Seuil.
- Choley, A. (1951). *La Géographie : guide de l'étudiant*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Clout, H. (2013). Pierre Monbeig. In : Lorimer, H. ; Withers, W. J. [eds]. *Geographers: Biobibliographical Studies*. London, New York, vol. 32, p. 54-78.
- Coelho, Ruy (1979). *O Estado de São Paulo*, 14 de outubro de 1979.
- Demangeon, A. (1932). Aspects nouveaux de l'économie internationale. *Annales de Géographie*, Paris, vol. 41, n. 230, pp. 113-130.
- Dresch, Jean (1991). Un homme de terrain dans les Andes. In Théry, H. ; Droulers, M. *Pierre Monbeig: un géographe pionnier*. Paris : IHEAL, 1991, pp. 47-51.
- Fernandes, F. M. (2011). Pierre Monbeig e o Brasil: texto e contexto. *Revista de Geografia*, São Paulo, 1, p. 1-6.
- Ferras, R. (1991). L'Espagne des années trente. In: Théry, H. ; Droulers, M. *Pierre Monbeig : un géographe pionnier*. Paris : IHEAL, pp. 67-80.
- Gomes, P. C. da C. (2006). O deslocamento geográfico dos conhecimentos e de seus intérpretes – Os exemplos de Pierre Monbeig e Roger Bastide no Brasil. In: Salgueiro, H. A. (org.). *Pierre Monbeig e a Geografia Humana Brasileira: a dinâmica da transformação*. Bauru, SP: Edusc, 2006, pp. 223-232.
- Gonçalves, J. H. R. (1988). Em torno de uma releitura liberal do mitema bandeirante: Pierre Monbeig e as frentes pioneiras nos anos 30 e 40. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, vol. 3, n. 1, pp. 37-64.
- Iumatti, P. (2008). O percurso para o 'sentido da colonização' e a dinâmica da historiografia brasileira nas primeiras décadas do século XX. In: Iumatti, P.; Seabra, M.; Heidemann, H. D. Caio

Prado Jr e a Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, Instituto de Estudos Brasileiros: Editora da Universidade de São Paulo, cap. 2, pp. 127-167.

Iumatti, P.; Seabra, M.; Heidemann, H. D. (2008). Os Primeiros anos da Associação dos Geógrafos Brasileiros: 1934-1945. In: Iumatti, P.; Seabra, M.; Heidemann, H. D. (orgs.). *Caio Prado Jr. e a Associação dos Geógrafos Brasileiros*. São Paulo: Edusp, Fapesp.

Limongi, F. de M. P. (1988). *Educadores e empresários culturais na construção da USP*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

Lira, L. (2017). *Pierre Monbeig e a formação da geografia brasileira*. Uma ciência no contexto do capitalismo tardio: erosão dos valores literários, “tentação à ação” e sistematização do método. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (em convênio de dupla titulação com a École des Hautes en Sciences Socioiales, Paris), Universidade de São Paulo.

Miceli, S. (2001). Condicionantes do Desenvolvimento das Ciências Sociais. In: Miceli, S. (org). *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol 1. São Paulo: Editora Sumaré, pp. 91-133.

Monbeig, P. (1935). A zona pioneira do Norte do Paraná. *Geografia*, São Paulo, ano I, n.3, pp. 221-238.

_____. Grandeza e Decadência da Ásia (1940). *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 de novembro de 1940.

_____. (1941). Apresentação Geral. *Anais do nono congresso brasileiro de geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 1941.

_____. (1944). A resistência, Alger e a democracia. *Clima*, São Paulo, n. 14, setembro, pp. 7-25.

_____. (1957). Papel e valor do ensino da Geografia e de sua Pesquisa. In: *Novos estudos de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: Difel.

_____. (1984). Viagem à memória da USP. In: Lapouge. Entrevista de Pierre Monbeig a Gilles Lapouge. *Jornal da tarde*, São Paulo, 11 de fevereiro de 1984.

_____. (1991a). La réforme agraire en Espagne. In: Théry, H.; Droulers, M. *Pierre Monbeig : un géographe pionnier*. Paris: IHEAL, 1991a, p. 74-80

_____. (1991b [1984]). Pour le cinquantenaire de l'Université de São Paulo. In: Théry, Droulers, *Pierre Monbeig : un géographe pionnier*. Paris: IHEAL, pp. 227-231.

Moraes, A. C. R. (1981). *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 2016.

Mota, L. D. (coord.). (1981). *A história vivida*. São Paulo: O Estado de São Paulo.

Pascal Clerc (2017). « La « géographie coloniale » en France », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 8. Posto online no dia 27 junho 2017, consultado em 20 agosto 2017. URL: <http://terrabrasilis.revues.org/2043> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.2043.

Peixoto, F. A. (2001). Franceses e Norte-Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras 1930-1960. In: Miceli, S. (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. 1. São Paulo: Editora Sumaré, pp. 477-531.

_____. (2008). A. Visões de São Paulo. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, 64.

Penha, E. A. (1993). *A criação do IBGE no contexto de centralização política do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Pereira, S. N. (2007). Sombra do Poder, tramas do saber: notas sobre o IX congresso brasileiro de geografia (1940). *Anais do VII Encontro Nacional da ANPEGE (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia)*.

Petitjean, P. (1992). Autour de la mission française pour la création de l'Université de São Paulo (1934). In: Petitjean, P.; Jami, C.; Moulin, A. M. *Science and Empires. Historical Studies about Scientific Development and European Expansion*. London, Dordrech, Boston: Kluwer Academic Publishers, pp. 339-362.

_____. (1996). As Missões Universitárias Francesas na Criação da Universidade de São Paulo (1934-1940). In: Hamburger, A. I.; Dantes, M. A. M.; Paty, M.; Petitjean, P. *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp, FAPESP, pp. 259-330.

Petrone, P. (1994). A História da Pesquisa no Departamento de Geografia. Borrador n. 2. FFLCH-USP.

Robic, Marie-Claire (1996). Des vertus de la chaire à la tentation de le l'action. In: Claval, P. ; Sanguin A. L. (dir). *La Géographie française à l'époque classique (1918-1968)*. Paris: L'Harmattan.

_____. (2013). Connaître son Monde. Les géographes et les savoir géographiques en congrès internationaux: spatialité et géographismes. *Terra Brasilis (Nova Série)*, nº 2. Acessado em 26/12/2014.

Salgueiro, H. A (org.) (2006). *Pierre Monbeig e a Geografia Humana Brasileira: a dinâmica da transformação*. Bauru, SP: Edusc.

Santos, César Simoni (2016). « Pierre Monbeig e o vacilo de uma tradição nos trópicos », Confins [on-line], 26, mis en ligne le 21 février 2016, consulté le 20 août 2017. URL: <http://confins.revues.org/10724> ; DOI : 10.4000/confins.10724

Soubeyran, O. (1997). *Imaginaire, science et discipline*. Paris: L'Harmattan.

Suppo, H. R. (1995). A Política Cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias. *Revista de História*, São Paulo, 142-143, pp. 309-345.

_____. (2002). *La politique culturelle française au Brésil entre les années 1920-1950*. Tese (Doutorado). Université Paris III - Sorbonne Nouvelle, Paris.

Théry, H. (1991). Les franges pionnières. In: Théry, H. Droulers. M. *Pierre Monbeig: un géographe pionnier*. Paris: IHEAL, pp. 81-93.

_____. (2009). As franjas pioneiras, de Pierre Monbeig aos nossos dias. In: Lemos, A. I. G., Galvani, E. (orgs.). *Geografia, tradições e perspectivas: a presença de Pierre Monbeig*. 1ed., Buenos Aires e São Paulo: Clacso Expressão popular, pp. 49-68.

Arquivos

Arquivos da AGB-SP. São Paulo, Brasil.

ANEXOS

Obras fundamentais de Pierre Monbeig:

- *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, Polis, 1984. As zonas pioneiras são entendidas como um modelo de expansão do avanço do capitalismo no Brasil, ainda que as descrições minuciosas abundem e uma abordagem ideográfica predomine.
- *La croissance de la ville de São Paulo*. Grenoble: Institut et Revue de Géographie Alpine, 1953. Tese complementar a *Pioneiros e Fazendeiros*, como se produzia na época, esta obra não pode ser distanciada da tese principal, e devem ser lidas de forma

espelhada. Monbeig descreve como as dinâmicas da zona pioneira ressoam na metrópole paulista.

- *La crise des sciences de l'homme*. Rio de Janeiro : Casa do Estudante do Brasil, 1943. Obra rara. Em 1943, ele participa de cursos de inverno na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro (Salgueiro, 2006c: 205) em que profere algo que poderia ser considerado um manifesto. Fica clara a sua vinculação inabalável à reprodução de um paradigma geo-histórico, como já fora formulado por Vidal de la Blache, antes de Fernand Braudel (Lira, 2013).
- *Estudos de geografia humana brasileira*. São Paulo: Livraria Martins: 1940. Monbeig resume o que ele considera serem os primeiros destaques de uma geografia humana brasileira vista a partir da experiência francesa. Nesta chave de leitura, destacam-se os textos: “Paisagem, espelho de uma civilização” e “Paisagens agrícolas: o exemplo do Mediterrâneo’.
- *Novos estudos de geografia humana brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1957. Destaquemos os textos “Estudo geográfico das cidades”, “Pequeno ensaio sobre geografia econômica do café” e “Os modos de pensar em geografia humana”. Monbeig avaliava que uma das suas contribuições específicas à epistemologia da geografia era a inserção das mentalidades na compreensão da formação do espaço tropical brasileiro. No fundo, tratava-se de compreender que, junto com as forças econômicas de origem europeia, vieram também mentalidades.

NOTAS

1. Para os críticos do primeiro grupo, Monbeig foi entendido como um geógrafo que teria ignorado as contradições inerentes aos processos de modernização do capitalismo em território brasileiro. Afirmam que ele “não falava de recordações socialmente diferenciadas, mas de uma história unificada que comporta os brasileiros em geral” (Gonçalves, 1998: 46-47). Alguns autores chegaram a exprimir que Pierre Monbeig praticava uma geografia de viés liberal (Bray, 1983).
2. Há então aqueles que fogem de *parte* dos estigmas, ao caracterizá-lo como um geógrafo “humanista” (Salgueiro, 2006). Reafirmam o capital simbólico de ter sido um dos “pais fundadores” da geografia brasileira, mas preferem situá-lo fora dos marcos da “geografia tradicional” (Fernandes, 2011). Quanto à geografia tradicional, preservam os estigmas elaborados. Há ainda aqueles que quase radicalizam, ou o fazem efetivamente, quanto à falta adesão de Monbeig à tradição, como se, no Brasil, ele tivesse percebido a inapropriada posição da geografia regional para compreensão dos Trópicos (Gomes, 2006; Simoni, 2016).
3. Pelo raciocínio de Berdoulay, Monbeig faria parte da 4ª geração de discípulos da geografia regional francesa (Berdoulay, 2008).
4. A tese de Monbeig, por exemplo, se desenrola sob a influência de dois orientadores. Após a morte de Albert Demangoen, quem assume a direção é André Choley (Monbeig, 1984 [1952]: 17). André Choley será um dos críticos à falta de terminologia específica de uma geografia “descritiva” (Choley, 1951).
5. Criados por decretos napoleônicos, o concurso de agregação garante a entrada no sistema de ensino francês.
6. Nessa citação, Monbeig admite um critério político na escolha de seu tema de tese, mas ao mesmo tempo prefere não entrar em pormenores quanto ao critério pois, isso os levaria muito longe...
7. Especialista em Auguste Comte, George Dumas tem uma dupla formação : filosofia e medicina. Seus estudos sobre o positivismo atraíram os positivistas brasileiros (Petitjean, 1992: 359).

8. A historiadora da geografia Marie-Vic Ozouf Marignier nos disse em uma de nossas reuniões de orientação de tese que não era comum os professores franceses da época se fazerem acompanhar de seus alunos em suas pesquisas pessoais de campo. A iniciativa de Monbeig no Brasil se mostrou, dessa forma, pioneira.

9. Não foi simples, porém, passar aos alunos brasileiros os últimos avanços da historiografia geográfica, tarefa à qual ele se dedicou com afinco. E apesar de condições muitas vezes difíceis, como a própria barreira do idioma, ele não abdica de princípios gerais norteadores dos cientistas. Mesmo para os alunos saídos de família com melhores condições e com boa formação, como Ruy Coelho e Antônio Cândido, o depoimento dos dois professores chega a ser engraçado, frente à exigência de Monbeig, esse “homenzinho terrível”: “Vivíamos uma fase da educação brasileira em que o francês era uma segunda língua. Nossos pais falavam francês. Portanto, a dificuldade não vinha tanto da língua, mas da súbita imersão num método e num estilo de aulas a que não estávamos habituados. Era também em francês o curso de geografia humana com o Pierre Monbeig, um homenzinho terrível, todo queimado de sol, que viajava pelo Brasil e dizia: ‘Não quero saber se são estudantes de ciências sociais ou o que quer que seja. Geografia tem que ser comigo e vocês têm não apenas de ler coisas, como também interpretar a paisagem geograficamente’. Antônio Cândido e eu tivemos notas baixas com Monbeig nos primeiros tempos” (Coelho, Ruy. O Estado de São Paulo, 14 de outubro de 1979). Para outros alunos, contudo, a língua francesa certamente apresentava uma barreira importante (Aziz Ab’Saber, 1994: 222-223). Mas não apenas para eles, pois Pierre Monbeig fizera questão de aprender e se expressar em português (Salgueiro, 2006: 204).

10. Trata-se de um telegrama, por isso há cortes e abreviações no texto.

11. Hervé Théry (2009: 51) foi quem lançou luz sobre a originalidade da abordagem cíclica na obra geográfica de Pierre Monbeig.

12. Doravante, neste tópico, a referência é Monbeig, 1941.

RESUMOS

O artigo busca esclarecer aspectos biográficos da vida e obra do geógrafo francês Pierre Monbeig, principalmente no que tange a sua passagem e pelo Brasil e seu envolvimento em preocupações políticas e sociais nesse país.

The article clarifies biographical aspects of the life and work of the French geographer Pierre Monbeig, especially in what concerns his passage and by Brazil and with the involvement with political and social concerns in that country.

El artículo aclara aspectos biográficos de la vida y obra del geógrafo francés Pierre Monbeig, principalmente en lo que se refiere a su paso y por el Brasil y con el involucramiento con preocupaciones políticas y sociales en ese país.

L'article clarifie les aspects biographiques de la vie et du travail du géographe français Pierre Monbeig, principalement en ce qui concerne son passage et le Brésil et ses préoccupations politiques et sociales dans ce pays.

ÍNDICE

Índice geográfico: Brasil

Índice cronológico: 1908-1987

Mots-clés: Pierre Monbeig, le Brésil, engagement politique, préoccupations sociales

Keywords: Pierre Monbeig, Brazil, political engagement, social concerns.

Palabras claves: Pierre Monbeig, Brasil, compromiso político, preocupaciones sociales

Palavras-chave: Pierre Monbeig, Brasil, engajamento político, preocupações sociais

AUTOR

LARISSA ALVES DE LIRA

Doutora pela Universidade de São Paulo e pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, Paris
(convênio internacional de dupla titulação).